

SOCIOLOGIA

GT 9: IDENTIDADE E DIFERENÇA

Sessão 2: Gênero, subjetividades e diferenças

MULHERES DA RUA: QUESTÕES DE GÊNERO NA PRÁTICA DO GRAFITE

Lenita Ramos Vasconcelos – UFRRJ, PPGEDUC

lenitarv86@gmail.com,

Sandro de Santana Ferreira – UFRRJ, PPGEDUC

sandrodsantana@hotmail.com

Na cidade não existe uma trilha pronta, o caminhar se altera de acordo com as vidas que se cruzam e se enredam, as rotas dos sujeitos sofrem intervenções contínuas, constroem e são construídas em um diálogo. O meio urbano é cenário de muitas relações, os movimentos que emergem nesse contexto elucidam a produção de conhecimento, a resistência, ou simplesmente as diferentes formas de viver daqueles que nele estão inseridos. Nesse contexto, à mulher são oferecidas as contradições do corpo que está presente nesse espaço, mas que ainda é associado ao lugar do que é privado e submetido. Entre as variadas culturas que emergem nas/pelas/para as ruas, poucos são os estudos em que a mulher está presente como protagonista, entre os que se apropriam dos espaços. Atualmente, vem crescendo o número de mulheres em uma das manifestações urbanas mais populares, o grafite, apesar da participação minoritária, a inserção feminina em tal prática se configura como um fenômeno social e remete a novas formas de relações entre a mulher e a cidade.

“Ainda vão me matar numa rua.

Quando descobrirem,

principalmente,

que faço parte dessa gente

que pensa que a rua

é a parte principal da cidade.”

Paulo Leminski

As referências possíveis vinculadas à palavra rua são muitas, um espaço que carrega os passos dados, o vagar, a multidão. Entre o imaginário do perigo e da liberdade, do coletivo e do abandono, a rua abriga de conversas informais até contestações populares. Pensando em expressões como “morador de rua”, “criança de rua”, “mulher da rua”, nota-se a alusão ao que não tem seu próprio lugar, não só um lugar físico, onde seja possível estar de maneira privada e aconchegante, mas também um lugar simbólico, um lugar social de participação e de aquisição de direitos. Ainda dentro das expressões, fala-se do que é considerado vadio, miserável e sujo, do que é imoral e digno de pena, aquilo com que não se quer cruzar, que não se quer ser, ou se

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

lembrar que existe, o que é invisibilizado e esquecido para evitar a dor, o choque e/ou a verdade.

Nesse território fica-se a mercê do imprevisível, e como ambiente dos que são “sem lugar”, a rua é considerada perigosa. O perigo se encontra no próprio medo da casualidade e do que não se pode ter controle; no receio sobre o que pode resultar a aproximação com quem a rua hospeda; e na esquivas de toda esquina em que more a penúria produzida socialmente. A rua é um espaço que acaba transitando entre ser de todos e ser de ninguém. Da mesma forma que é evitada por representar uma ameaça, a rua é procurada por despertar a inquietude da alma, a procura pelo incerto, a beleza e o risco de se entregar ao acaso. Deixar-se seguir os fluxos das ruas pode ser uma experimentação de liberdade e uma forma de apropriar-se do mundo.

Assim, ela é também um lugar de retomada, uma maneira de dar domínio e sentido aos territórios, quando se ocupa as ruas, elas ganham donos, não donos no aspecto do controle e da exclusividade da lógica capitalista, mas donos que lhe darão vida e movimento. Muitos são os modos de realizar tais ocupações: feiras, festas, encontros, jogos, brincadeiras, protestos, etc. Estas são resistências à frente das opressões e construções de cada grupo que se coloca nas ruas contando e fazendo história.

A rua pode ser composta então por cheiros, sons, cores, e outras marcas deixadas por quem passa por ela. Pensando nisso, existe uma manifestação cultural frequente que acontece nas metrópoles em ato e se registra em tinta: o grafite. Entretanto, nas entrelinhas dos muros, estão questões para além de traços expostos. Nos bastidores do ato de grafitar existem encontros entre pessoas, lugares e seus rastros; existem ideias, críticas e criações; existem aprendizados na vivência de tudo que uma cidade pode oferecer.

A expressão já mencionada, “mulher da rua” é designada, geralmente, para referir-se a prostitutas e a mulheres que se relacionam com homens casados. Como também já foi dito, a rua é um espaço associado aos caos, à liberdade, ao imprevisível, ao sujo, parecendo assim ser impróprio para uma mulher. Não existe aqui uma tentativa de mostrar prós e contras à prostituição, mas sim observar a expressão citada inicialmente. O valor designado a uma mulher tem fortes influências de padrões morais sobre seu comportamento, seu corpo e sexualidade. “Vender o corpo” é uma das situações encaradas como degradantes em nossa sociedade, tendo impactos sobre as

atribuições de se caráter, de dignidade, e de espaço na sociedade. A prostituição, apesar de seu estigma, é comum, principalmente em figuras não masculinas, a repercussão negativa sobre a prostituição, ao lado de seu estado genérico, revela que existem condições designados à mulher, entre elas o de objeto e de submissão. A prostituição incomoda pela relação moral com o sexo e pela falta de associação da mulher a um único homem, pois aquela que possui um único parceiro, não vai necessariamente deixar de estar em “lugares” mencionados a pouco (objeto e submissão), se estabelece uma relação de propriedade. Estar em casa e não na rua também remete às responsabilidades dos trabalhos domésticos atribuídos a figura feminina. Sendo assim, a “mulher da rua” não possui um “dono”, não tem hora para chegar em casa, enfrenta os riscos da cidade e expõe sua sexualidade. Essas condições rompem com a lógica de fragilidade, e, na verdade, mostram que o status de ser frágil está ligado a construção de um ideal de submissão e controle.

Os “moldes” em que a mulher deveria se enquadrar estão relacionados às imagens das famílias burguesas. No Brasil, a imposição desses “modelos” se instaurou, também, em concomitância com a modernização das metrópoles e as intenções de higienizar e civilizar as cidades:

As imposições da nova ordem tinham o respaldo da ciência, o paradigma do momento. A medicina social associava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racionalidade e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres era suficiente para justificar que se exigissem delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra. Estavam impedidas do exercício da sexualidade antes de se casarem, e, depois, deviam restringi-la ao âmbito desse casamento. (...) (SOIBET, 2011, p. 363)

No trecho a seguir, fica clara a perspectiva de associação da mulher ao que é privado, à relação de propriedade, em uma manifestação de sua relação com a cidade:

Com base no comportamento feminino dos segmentos médios e elevados, acresce em relação às mulheres as prescrições dos juristas acerca da impropriedade de uma mulher honesta sair só. Coadunava-se tal norma com a proposta burguesa, referendada pelos médicos sobre a divisão de esferas que destinava às mulheres o domínio da órbita privada e aos homens, o da pública. Embora as mulheres mais ricas fossem estimuladas a frequentar as ruas em determinadas ocasiões, nos teatros, casas de chá ou mesmo passeando nas novas avenidas, deveriam estar sempre acompanhadas. (Ibid, p. 365)

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Esses padrões nunca se enquadraram à realidade das mulheres das camadas populares, que chefiavam suas famílias, trabalhavam e tinham costumes multifacetários, diferentes daqueles considerados adequados. Os estilos de vida dessas mulheres eram vistos como impróprios e perigosos, havia uma contradição entre o que lhe era cobrado e o que lhe fazia sentido e/ou era possível viver.

Essas dificuldades se agregavam, pois muitas das ideias das mulheres dos segmentos dominantes se apresentavam fortemente às mulheres populares. Mantinha, por exemplo, a aspiração ao casamento formal, sentindo-se inferiorizadas quando não casavam; embora muitas vezes reagissem, aceitavam o predomínio masculino; acreditavam ser de sua total responsabilidade as tarefas domésticas, ainda que tivessem que dividir com o homem o ganho cotidiano. (Ibid, p. 367)

No início do século XX, boa parte dos trabalhadores das fábricas eram mulheres e crianças, as condições e carga horária eram extremamente exaustivos e degradantes. Havia uma comoção sobre isso, mas que em relação à mulher, ressaltava a inadequação diante de sua “fragilidade” e de seus deveres domésticos e maternos atrapalhados pela dinâmica fabril. O trabalho, para a mulher, era mais uma questão de moralidade, uma ameaça à sua honra. (RAGO, 2011)

Voltando à expressão “mulher da rua”, seus desdobramentos mostram que as associações sobre a cidade entram em conflito com o que é pregado como um comportamento aceitável feminino, na verdade, um comportamento feminino, burguês e europeu. Diferenças entre as mulheres de classes distintas mostram que as opressões sofridas pelas mesmas não eram apenas uma questão de gênero, mas também de classe, raça, etc. O próprio movimento feminista sofreu críticas, pois suas reivindicações iniciais não contemplavam a diversidade, como pobres, negras e lésbicas.

Uma mulher que se apropria da cidade vai contra a ordem vigente. Sendo o grafite uma arte que durante algum tempo teve sua prática criminalizada no Brasil e outras regiões, podendo ainda ser considerado crime pelo Estado quando feito sem autorização, e sendo também uma arte de rua, o envolvimento feminino pode aparentar certa inadequação. A presença da mulher como parte protagonista desta cultura, em seu início, não era usual, existindo resistência dentro do próprio movimento. Hoje, há participação, feminina, ainda em minoria, dentro do grafite em diferentes locais do mundo, havendo ainda certa surpresa pela sociedade acerca do envolvimento da mulher nesta atividade.

O grafite é um dos elementos artísticos da cultura Hip Hop, que surgiu como uma estratégia de negação à violência entre gangues rivais em cidades dos Estados

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Unidos nas décadas 60 e 70. O Hip Hop passa a ser um movimento político, por trazer a força e a voz dos sujeitos invisíveis das periferias, ele foi ressignificado de acordo com os diferentes contextos culturais com que entrava em contato ao longo do tempo e se espalhou, principalmente pela música e por filmes. (OLIVEIRA, 2006)

No Brasil, outros contextos influenciaram a prática de grafitar, segundo Rink (2013) na utilização como instrumento de protesto as primeiras pichações e grafites nos muros das cidades surgiram na ditadura militar de 1964. No exterior também aconteciam registros nas ruas de cunho reivindicatório, na França, na década de 1960 “... As ruas francesas se tornaram o palco da história, em que muros pichados foram fonte de inspiração para movimentos jovens que buscavam a transformação social. ...” (RINK, 2013, p.34). Ainda segundo a autora em Nova York aconteciam revoltas populares, sob influência do momento francês, passam a acontecer manifestações em forma de frases, pichações e grafites.

Aquele que realiza o grafite transita pelos locais da cidade, percebendo-a, buscando paisagens para fazer parte. O poder de intervir nos espaços gera a apropriação sobre eles, desconstruindo imaginários criados pela violência simbólica sobre possibilidade e merecimento de estar em um lugar, pertencer e ter direitos sobre ele. Seguir o fluxo da cidade permite ir a lugares que não seriam escolhidos usualmente, conhecer pessoas e culturas que estariam de fora de um ciclo de convívio habitual. Os artistas, de origens distintas, se encontram desde ruas das periferias às dos bairros das elites. A desvalorização social pela falta de infraestrutura e pelo abandono Estatal afeta não só o local, mas aqueles que estão nele. O grafite também é usado como uma forma de revitalizar territórios, tanto pela estética apresentada, quanto pelo o que representa enquanto apropriação e recolocação do espaço, cores são acrescentadas nos caminhos e nos olhares.

Não há como negar a ligação direta do grafite com a cidade, e sendo assim, com um contexto amplo e coletivo. Mas há, da mesma forma, uma intensa troca do grafite de um sujeito perante ele mesmo. Há todo um prazer individual e subjetivo em estar estendido pelos espaços, no êxtase da criação acontece um processo de autoconhecimento, de construção de si. Sendo o aparato da obra a própria cidade, esse sentimento pode se ampliar, pela dimensão da relação individual/coletivo, micro/macro. Parte do artista nasce, se recria, registra o caminho, se apaga com o tempo, e ressurgem de outras formas (maneira e formato), tão fluido quanto seu suporte.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

O sujeito que realiza o grafite percebe e constrói sobre si mesmo. Já que a identidade é transitória, construída ao longo do tempo por meio de muitas interferências e contribuições como a história, o território, a linguagem, e a cultura, em um processo de ser, estar e vir a ser.

... Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2000, p.109).

A paisagem é tudo o que vemos, tudo que nossa vista alcança (SANTOS, 2012). Ou seja, é tudo que for perceptível aos sentidos, fazendo parte também os sons, os cheiros, etc. Se pensarmos nas paisagens de um centro urbano e quais as representações presentes sobre a mulher, certamente será fácil a recordação de uma grande quantidade de publicidades destinadas ao público feminino. Entre pôsteres e outdoors, quando a mulher não é colocada como a fiel consumidora de uma aparência perfeita, segundo o estabelecido pela mídia, ela é o produto, um objeto, mais uma coisa a ser consumida.

Uma reportagem no ano de 2012¹⁵¹, fala da grafiteira afegã Shamissia Hassani, a peculiaridade de seu trabalho, que emergiu em um território extremamente controlador, fez com que a jovem de 26 anos chamasse atenção de mídias e artistas. Muitos de seus trabalhos retratam a opressão feminina, segundo ela “As mulheres e as vítimas da guerra são como peixes mortos em um rio, flutuando sem rumo enquanto o resto da sociedade flui”. Na época, segundo a reportagem, Shamissia era a única grafiteira do país. No ano de 2013 foi noticiada, por diferentes fontes, a ação de Shamissia já com mais uma mulher: Malina Suliman. O site Mistura Urbana¹⁵² relata os trabalhos das artistas como formas de “apagar” os sinais da guerra e apoiar as mulheres do país: “Malina Suliman tem 23 anos e formada em Realism Art no Paquistão. Ela é pintora, escultora, grafiteira e professora. Com um estilo mais ousado costumava sair à noite escondida para grafitar mensagens com críticas política pelas ruas de Kandahar. Malina já sofreu ameaças do Taliban e após o seu pai ser agredido na rua teve que se refugiar na Índia por alguns meses. Hoje, de volta ao seu país, ainda se arrisca com spray nas ruas e atualmente prepara uma exposição solo.”.

¹⁵¹ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/grafite-no-afeganistao/> (acesso em junho de 2013).

¹⁵² Disponível em: <http://misturaurbana.com/2013/09/entrevista-primeiras-grafiteiras-do-afeganistao-tentam-ofuscar-a-guerra-com-arte/> (acesso em setembro de 2013)

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Já nos Estados Unidos, no ano de 1979 já havia a presença feminina no grafite, Lady Pink foi uma das pioneiras. Seus grafites possuem muitas figuras femininas, muitas delas compostas por estruturas das próprias como tijolos e escadas. Em uma entrevista¹⁵³, a artista fala sobre algumas questões envolvidas em ser uma grafiteira “É difícil para uma mulher se envolver com grafite (...) Existe uma presunção de que mulheres são muito fracas, ou a ideia de que elas simplesmente não conseguem. Na época (em que comecei) eu tinha quinze anos, e não queria mais ouvir essas coisas. Como uma mulher no graffiti, também, você se sente como se estivesse jogando sua reputação na lama. Todos pensam que você dorme com os caras (outros grafiteiros). Eu precisei erguer minha cabeça e provar que eu superaria, pelas outras mulheres.”.

No Brasil, em uma de suas maiores e movimentadas metrópoles, São Paulo, destaco duas artistas: Mag Magrela e Evelyn NegaHamburguer.

As obras da artista paulista que se intitula Mag Magrela são melancólicas, muitas retratam angústias, dores, a mulher é uma constante nos murais. Em muitas das imagens as personagens têm expostos seus corpos nus, essa nudez, em junção com os tons sóbrios e o ar triste, traz um sentimento de naturalidade e exposição de um ser humano em sua essência (seus medos, suas aflições, sua pele, etc.), o revelar de alguém. Em figuras com traços que elucidam o caos, as mulheres exibem cicatrizes, pedaços faltando na estrutura física, órgãos exteriorizados e cordas que amarram e atravessam seus corpos.

Já NegaHamburger, foca de maneira mais explícita em algumas angústias femininas, os padrões estéticos são constantes em seus desenhos. A jovem de 24 anos também trabalha com telas e ilustrações, e em fevereiro de 2014 lançou um livro com histórias reais de mulheres e suas questões (assédios, opressões no trabalho, imposição de padrão de beleza etc.), com figuras ilustradas para cada história contada. Muito do cotidiano é posto em seus trabalhos, há questionamento sobre as cantadas que as mulheres escutam todos os dias pelas ruas, o tabu da masturbação feminina e a busca da vivência de uma beleza real, que não precise se enquadrar em padrões.

No rio de Janeiro, coloco como exemplo as grafiteiras Panmela Castro e Diana Couto (Di Couto), com trabalhos diferentes, as duas possuem reconhecimento e carreiras consolidadas.

¹⁵³ Disponível em : <http://falacultura.com/mulheres-na-arte-urbana> (acesso em dezembro de 2013)

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Di Couto também trabalha com designer e ilustradora, intervém na paisagem com mulheres desenhadas em formas bem definidas. São obras que parecem se diluir, mulheres que escorrem pelo concreto, se espalham pelo rio em cor e beleza. É uma presença suave e profunda, traduzida em semblantes de serenidade contemplação. Ocorre a demarcação do espaço pelo efêmero, o desenho surge como uma chuva de verão refrescando a tarde. Panmela Castro é uma das grafiteiras brasileiras mais conhecidas internacionalmente. Ela realiza também um trabalho social, é presidente da Rede Nami -Rede Feminista de Arte Urbana, uma ONG - Organização não Governamental que tem entre os seus objetivos contribuir para a equidade de gênero. Tal grupo utiliza a arte urbana para a promoção dos direitos da mulher por meio de oficinas, encontros e debates em ambientes distintos. A palavra Nami é o termo “mina” com as sílabas invertidas. A organização surgiu depois do projeto “Grafiteiras pela lei Maria da Penha”, que acontecia na baixada fluminense em 2008, iniciativa da ONG “COM CAUSA” a fim de promover a lei 11.340/6 com oficinas de grafite. Após o fim do projeto, as artistas participantes, entusiasmadas com o que viveram, lançaram a rede NAMI em 2010, que passou a ser ONG em 2012. A NAMI já recebeu prêmios internacionais relacionados a direitos humanos e atualmente possui também parcerias com grades empresas.

Da mesma forma que no cenário carioca existe a Rede NAMI, há, em outras localidades grupos de mulheres que realizam grafite, se reúnem e exploram temáticas variadas, com recorrência ideias sobre empoderamento da mulher. Como alguns exemplos, temos em Pernambuco o “Cores Femininas”, que procura reunir artistas ligadas ao Hip-Hop a fim de incentivá-las, promovê-las, compartilhar experiências e discutir sobre gênero; ainda em Pernambuco, o “Flores do Brasil” tem seus grafites baseados na causa da luta de mulheres indígenas e negras; em Minas Gerais há registros de um grupo de mulheres grafiteiras as “minas de Minas”, que além de figuras femininas grafitadas, realizam oficinas e eventos de grafite; o coletivo efêmera, de São Paulo, utiliza diversas formas de se relacionar com a cidade (fotografias, música, skate, grafite e outras intervenções). A iniciativa da organização de coletivos compostos apenas por mulheres em diferentes locais do país, assim como a regularidade de discussões e das figuras femininas nas obras, mostra a possibilidade de construção de uma identidade de gênero em tais grupos.

Tanto as artistas como seus trabalhos variam desde as que querem deixar claro uma militância referente a relações de poder e opressão, até aquelas que evitam

situações em que se coloquem como uma “Mulher Grafiteira”. No livro “Graffiti Women: Street Art from Five Continents”, de Nicholas Ganz (2006), são trazidos trabalhos de grafiteiras dos cinco continentes, são 193 artistas, entre elas, sete brasileiras. A obra é iniciada com o depoimento de “Swoon”, uma das artistas apresentadas. Em sua fala ela enfatiza que nunca quis que seu trabalho fosse marcado por seu gênero, ou se identificar como uma “artista mulher”, entretanto, percebe que algumas questões são gritantes: as mulheres fazem poucas coisas para si mesmas, a quantidade menor de representantes mulheres em alguns segmentos, e que classe e gênero não deveriam ser aspectos que criam limites para o reconhecimento de um artista. Na mesma obra, outras melhores fazem comentários com a mesma ideia, como a artista F. Lady: “Pra mim, não se trata de ser uma mulher que faz grafite, mas sim de fazer grafite.”¹⁵⁴ (GANZ, 2006, p. 26)

Seria limitador tentar enquadrar obras como “pinturas de homens” e “pinturas de mulheres”, tendo como base uma identidade de gênero, afinal cada sujeito possui muitas identidades, que transitam, se entrelaçam e podem ser contraditórias também.

Até mesmo pensando em um grupo específico, como o de mulheres que praticam grafite, não seria adequado pensar em um universo feminino sendo representado, mas talvez, em universos de diferentes mulheres sendo representados, de maneiras múltiplas. Algumas artistas querem afastar suas produções de temas e símbolos que remetam à imagens mais “típicas” de mulher. A grafiteira Profana (MORENA, 2011) diz que suas obras são sobre o dia-a-dia da mulher e não “coisas de menininha” como flores e símbolos delicados; Mickey (GANZ, 2006) se mostra incomodada com trabalhos de mulheres que se caracterizam por letras arredondadas, borboletas, corações e personagens com olhos grandes. É interessante que esses traços mencionados, que estariam em um senso comum relacionados à figura de mulher, também recebe esse simbolismo pelo fato de que seria menor a probabilidade de encontrar homens que produzissem tais elementos, afinal, não estaria de acordo com um ideal de força, bravura e racionalidade. Não se trata somente de uma suposta delicadeza e romantismos das mulheres, mas também do que não é permitido ao homem expressar, é a negação do que seria emotivo e gracioso aos universos masculinos. Trazer tais elementos ao grafite, à rua e a tudo que ela representa, também é desmistificar o

¹⁵⁴ Tradução da autora

espaço dos mesmos, rompendo com limites impostos tanto para as mulheres quanto para os homens.

Percebe-se em diferentes locais do Brasil e do mundo a entrada das mulheres no mundo do grafite, desde as mais antigas, como a Lady Pink, nos Estados Unidos, até as mais recentes, como as artistas afegãs. Com isso nota-se uma nova configuração nas relações da mulher com a cidade, independente do que retrata os grafites, a participação feminina, por si só, é um fenômeno social, dentro e para além do universo do grafite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GANZ, Nicholas. **Graffiti Women: Street Art From Five Continents**. New York: Abrams, 2006.
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos Culturais*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MORENA, Margarida. **Mulheres no muro: Grafites e Grafiteiras em Salvador**. 95 f. Dissertação (mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- OLIVEIRA, Denilson Araújo. **Territorialidades no mundo globalizado: outras leituras de cidade a partir da cultura Hip Hop na metrópole carioca**. 168 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. . In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- RINK, Anita. **Intervenção urbana e arte: Apropriação dos espaços urbanos com arte e sensibilidade**. Curitiba: Appris, 2013.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- SOIBET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.